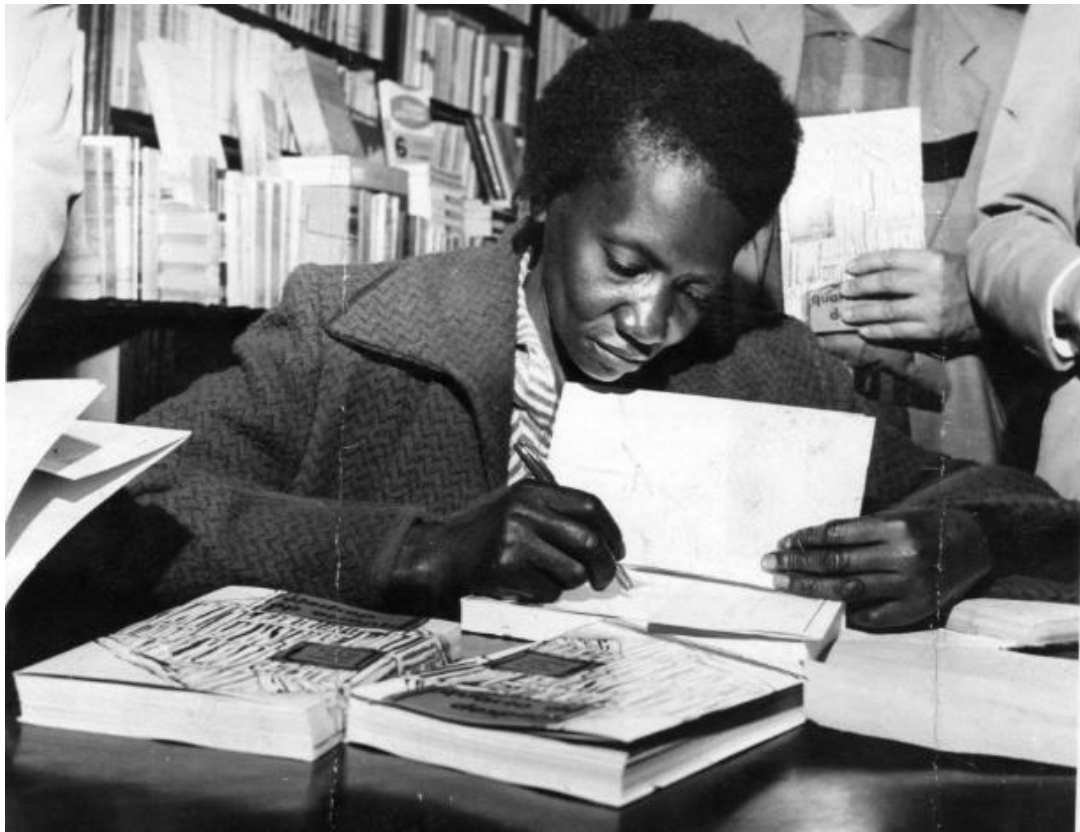


# A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus

## *Uma análise do seu Quarto de despejo*



O nosso objetivo é apresentar e avaliar a configuração da leitura e da escrita no diário *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, a fim de que se possa perceber como ambas as atividades que envolvem o texto literário são vislumbradas pela escritora como forma de marcar sua condição étnica, social e feminina nesse texto de cunho testemunhal.

“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorre. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro”.

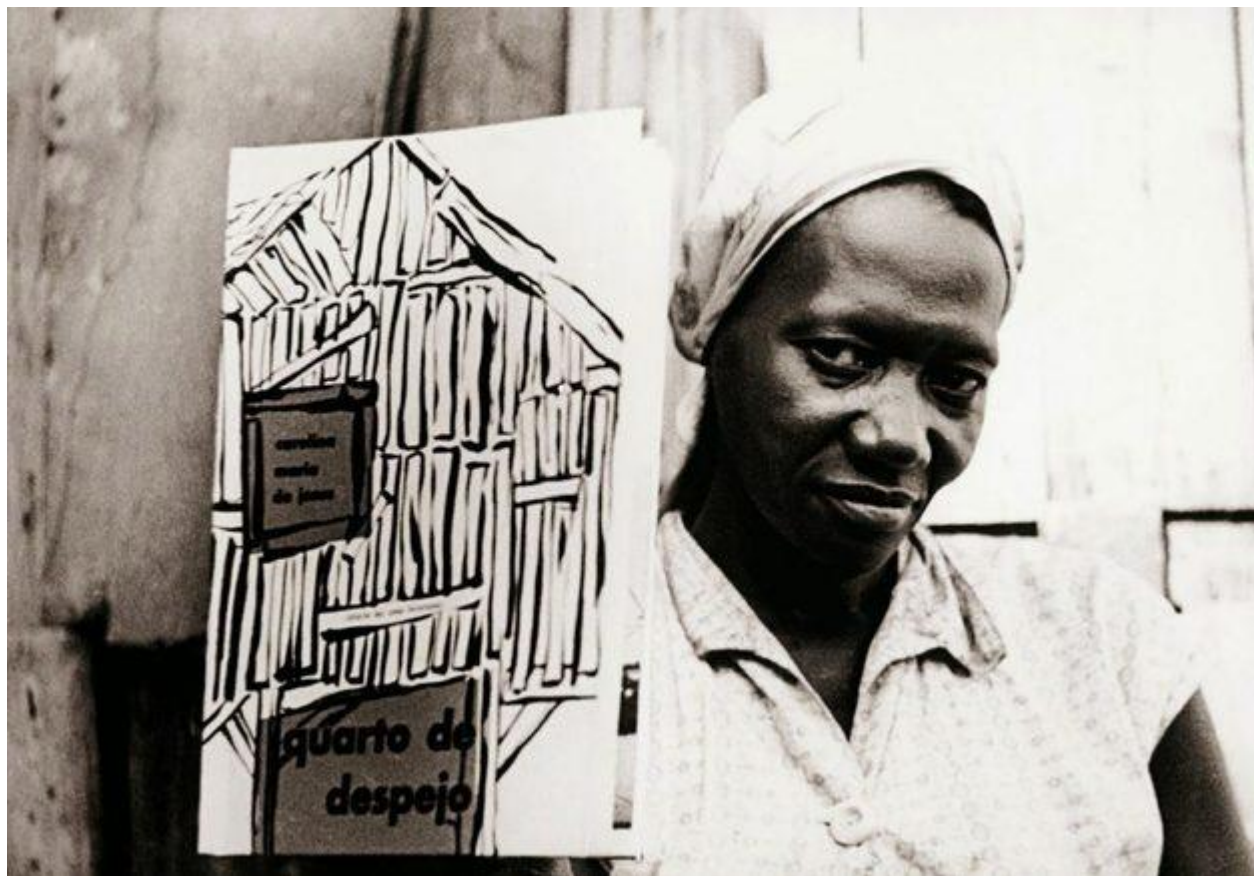
*Quarto de despejo, p .147*

- Esse texto retrata o cotidiano de miséria, fome, violência e marginalização que se fazem presentes na vida da escritora.
- A voz de Carolina configura-se como a marginal e é desse lugar que ela “lê” a cidade de onde mora: “[...] eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2000, p. 28).
- É através da escrita que Carolina torna-se sujeito de si mesma, uma vez que põe no papel seus dramas e angústias, seus medos e frustrações; e através dela torna-se sujeito social ao retratar a pobreza e a miséria presente no “quarto de despejo”.

- ✓ Outra característica do diário é a prisão ao cotidiano e daí a constante repetição.
- ✓ Vianna aponta para o caráter fragmentar do diário: o relato do dia-a-dia torna-se uma unidade a partir do momento em que é escrito, tal unidade constrói-se também através do trabalho de tessitura dos significados feito pelo leitor-artesão.
- ✓ A literatura de testemunho de Carolina Maria de Jesus caracteriza-se não só pela descrição intimista, mas também por um forte tom de denúncia.
- ✓ Carolina era discriminada por ser pobre, negra, mulher, catadora de papel, mãe solteira e escritora.
- ✓ Os diários de Carolina Maria de Jesus podem ser, assim, considerados testemunhos que borram as fronteiras da literariedade ao denunciarem uma outra experiência do sujeito do feminino, a partir das vivências e posições de enunciações da autora.

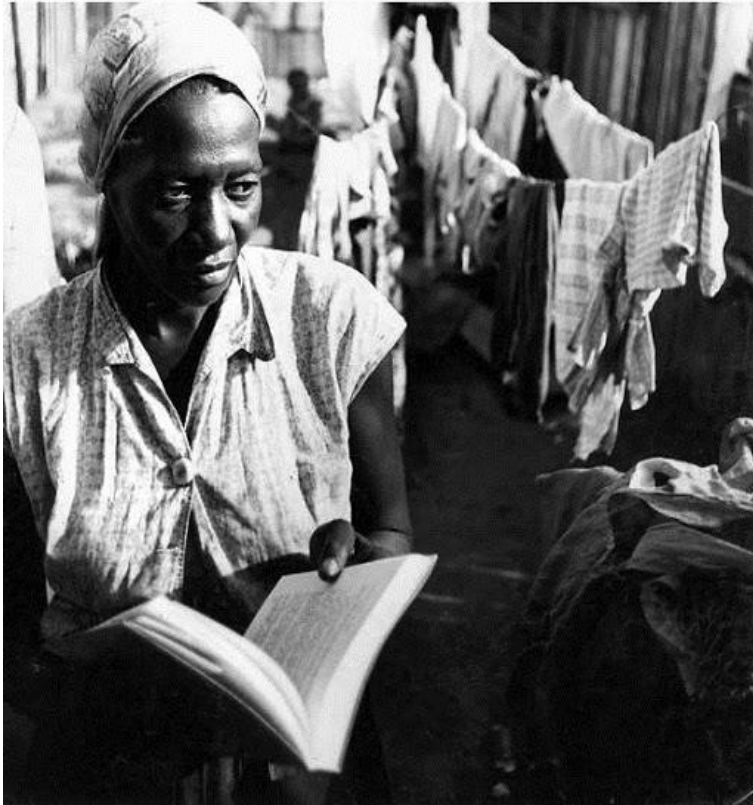
- ❑ Qual é a importância dada à leitura e à escrita por Carolina Maria de Jesus? Qual é a importância desses dois processos para a autora a partir da leitura do seu diário?
- ❑ A leitura e a escrita distinguem a autora dos demais moradores da favela.
- ❑ A autora associa às suas duas paixões a solidão em que vive.
- ❑ Carolina elege como única companhia em seu leito os livros e os cadernos achados nos lixos da cidade nos quais anota suas reflexões e angústias.
- ❑ A autora nos oferece uma surpreendente demonstração de lucidez e entendimento da ameaça que a escrita da mulher pode representar [...] Em outros termos, Carolina M. de Jesus reconhece que deve ser difícil para o homem ver-se preterido em favor de outro desejo e de outro prazer que não ancore nele (VIANA, 1995, p. 69).

- ❖ A inserção de um homem em sua vida pode ser vista como uma ameaça, a partir do momento em que este se configura como elemento de dominação capaz de paralisar o seu processo de afirmação enquanto mulher, mãe e escritora.
- ❖ A possibilidade de leitura e da escrita diferem Carolina dos demais moradores da favela, conferindo a ela um certo status social.
- ❖ A fome, a miséria, a violência são os fatos do cotidiano que alimentam a escrita de Carolina e ela vê nisso um paradoxo: “quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristeza e lamentos” (JESUS, 2000, p. 161).
- ❖ Carolina dizia que a leitura possibilitava a ela “embriagar-se” no mundo dos sonhos e da imaginação.



***Quarto de Despejo*** foi um sucesso de vendas e de público porque lançou um olhar original da favela e sobre a favela.





Podemos concluir que a prática da leitura e o ato da escrita desempenham um papel transformador para Carolina Maria de Jesus. É através da escrita que ela formula e reformula sua realidade marginal, processa e reprocessa suas dores e angústias. É na leitura que ela transcende a sua condição marginal, é através da escrita que ela alcança o sonho da casa de alvenaria. Escrever é denunciar, é trazer à tona o subalterno. Ler é uma forma de imaginar-se outra, em outro lugar. Escrever é uma prática constante, forma de desabafo.

Em síntese, ***Quarto de despejo*** é fruto de um processo duplo: leitura e escrita, dois vícios, duas faces de uma mesma moeda.